

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Sueli Mara Oliani Oliveira Silva é curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol/SP, criado em 2015, por ela que é professora-pesquisadora com projetos anuais de HAE (horas atividades específicas) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (cetec), e desde que ingressou no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), em 2012. A professora tem vários artigos publicados em livros de memórias institucional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 14 de agosto de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 50 minutos e 30 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 21

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume

específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a minha imagem não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 14/08/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 12 a 21 de fevereiro de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Revisto pela colaboradora: 24 de fevereiro de 2025

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Bom dia, Sueli Mara Oliveira, Sueli Oliane Oliveira Silva.

Sueli Mara Oliane Oliveira Silva (SMOOS): Bom dia.

MLMC: Eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós, do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, hoje que é dia 14 de agosto de 2020. Principalmente para o nosso programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, e por você ser curadora, inclusive participou, uma das responsáveis pela criação do Centro de Memória da Etec de Mirassol. Então, eu agradeço mesmo você estar conosco. Eu vou te fazer somente uma pergunta, porque a nossa entrevista é sobre história de vida. Eu gostaria muito que você falasse onde você nasceu, quando nasceu, e que escolas você estudou, como é que foi a sua trajetória até chegar nessa formação de Artes, e como é que você ingressou no Centro Paula Souza e, também quando ingressou, e como foi se envolvendo com esse projeto a ponto de você ser a criadora e curadora desse Centro de Memória que tem progredido muito, que tem feito um lindo trabalho.

SMOOS: Muito obrigada, Maria Lucia, bom dia. Eu nasci aqui em Mirassol, estado de São Paulo, no dia 29 de novembro de 1967. Eu sou filha de Jesus de Paula Oliveira e Ocleide Oliane Oliveira, ambos falecidos. Sou casada com José Fernando da Silva. Eu iniciei os meus estudos em 1974, aos seis anos de idade, na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Anísio José Moreira. Mas eu concluí o primário e o ginásial em outra escola, a Escola Estadual de Primeiro Grau Edmur Neves. Isso foi em 1981. Em 1982, eu fui fazer o segundo grau, eu volto a estudar na Escola Anísio, e ali eu faço o curso do magistério. Então ficou a habilitação específica do primeiro grau para o magistério na área da pré-escola. Eu me formei em 1985 no magistério. Em 1986, eu fui trabalhar como professora do Jardim 1 numa escola aqui particular de Mirassol chamada Escola Arco-Íris. Minha vocação sempre, desde pequena, foi a arte. Eu sempre gostei muito de pintar, de desenhar. O meu pai, quando eu era pequena, ele desenhava propagandas nos muros da cidade, propagandas de comércio, de alguma loja, e eu ficava encantada. Eu me lembro certinho de um mapa do Brasil que ele desenhou no muro. Eu tinha acho que cinco anos de idade. E aos seis, quando eu ingressei no primeiro ano, eu queria copiar os desenhos da Cartilha Suave. Eu queria desenhar a abelha, eu queria desenhar a igreja. E essa vontade pelo desenho somente aumentou durante todos esses anos. E aí eu resolvo fazer o curso de Educação Artística. Eu prestei o vestibular, passei na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 1987. Eu me formei, em 1989, na Especialização de Desenho Técnico. Eu morei em Campinas de 1987 a 1991. Nesse período, eu também trabalhei como caixa no antigo Banco de Crédito Nacional. Então eu trabalhava durante o dia no banco e à noite eu fazia faculdade. Em 1990, lá em Campinas ainda, eu comecei como professora ACT, de caráter temporário, junto à Secretaria da Educação. Eu trabalhei na Escola Estadual Alberto Martins por dois anos, em 1990 e em 1991. Em 1992, eu

retornei aqui a morar em Mirassol. Eu continuei o trabalho como professora ACT. Trabalhei assim, em várias escolas estaduais aqui de Mirassol e, também em algumas da região.

SMOOS: Eu trabalhei no distrito de Ruilândia, na cidade de Jaci, Bálsamo e Neves Paulista. Em 1999, eu me efetivei no Estado. E aí eu escolhi o cargo de Arte junto à escola onde iniciei os meus estudos, na Escola Anísio José Moreira. E ali eu fiquei por um tempo, e eu pedi remoção para a Escola Estadual Genaro da Marco, e ali eu aposentei no ano de 2018.

SMOOS: Então, eu trabalhei junto à Secretaria da Educação em algumas escolas estaduais por 28 anos e 7 meses. Concomitante a esse trabalho, junto à Secretaria da Educação, em 1994, eu comecei a trabalhar na Etec Professor Matheus Leite de Abreu como professora de Artes. Naquela época, o meu contrato era por prazo determinado. Então, eu fiquei por dois anos, fiquei em 1994 e 1995. Aí eu precisei me afastar, cumpri um interstício de dois anos. E aí eu retorno para a Etec em 1998. Em 1999 eu prestei o concurso, passei. E aí o meu contrato passou a ser indeterminado e estou até os dias atuais. Concomitante ao trabalho junto à Secretaria da Educação e, também ao Centro Paula Souza, eu trabalhei em uma escola particular aqui de Mirassol de 1998 até o início do ano 2000. Na Copem, é o Colégio Abrão Naime. Logo depois, a partir de 2000, eu faço ampliação da minha carga horária para a Etec Philadelpho Gouveia Netto, em São José do Rio Preto. Então, eu ampliei minha carga horária junto à outra Etec. Nesse período, eu cursei a partir do ano 2000. Em 2009, mais precisamente, eu me formei em Pedagogia pela UniUB, a Universidade de Uberaba.

SMOOS: Eu fiz uma pós-graduação pela Barão de Mauá, de Ribeirão Preto, sobre a metodologia do ensino de artes. Nas duas Etecs, eu também trabalhei como professora de Filosofia na Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol, e, também dei aula de Ética na Etec Philadelpho Gouveia Netto, além de ser professora de Artes todos esses anos. Eu fui coordenadora do ensino médio na Etec de Mirassol do ano 2003 a 2006.

SMOOS: De 2006 a 2011, eu fiquei na coordenação pedagógica. E, quando eu saio da coordenação pedagógica, em 2012, eu início os projetos sobre a memória e história da educação profissional. Eu começo a fazer parte do grupo de pesquisa “Memória e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza”. O primeiro trabalho desenvolvido foi em 2012, na Etec Philadelpho Gouveia Netto, e foi o projeto de HAE “Resgatando a História da Escola Artesanal”, em parceria com a professora Jurema Rodrigues, minha amiga, sempre parceira dos meus projetos. E eu faço mais um outro projeto no Philadelpho, foi em 2013, e o projeto de pesquisa foi sobre o curso de Mecânica, também em parceria com a professora Jurema.

Em 2014, a pedido do diretor da Etec Professor Matheus Leite de Abreu, o professor, na época, Paulo Antônio Sacchi, que também é um dos meus parceiros do Centro de Memória, ele pediu para que eu iniciasse esse trabalho de pesquisa e história da educação profissional na nossa Etec. Ele viu o trabalho que estava sendo desenvolvido no Philadelpho, ele se interessou e me convidou para começar ali na nossa Etec. Aceitei, claro, né? E assim começou o meu trabalho de pesquisa em Mirassol. A nossa Etec foi criada por meio do Decreto nº 7.887, de 1963.

SMOOS: A primeira denominação que a escola recebeu foi Escola de Iniciação Agrícola de Mirassol, mas a escola foi inaugurada somente em 11 de março de 1965, no dia em que Mirassol estava completando 40 anos de emancipação. Ele era distrito de Rio Preto e passa a condição de município em 1925. Então, 40 anos depois, em comemoração, eles inauguram a nossa escola. Mas as aulas se iniciaram somente no dia 1 de abril de 1965, porque as instalações não estavam prontas ainda para o recebimento dos alunos. Essas escolas eram subordinadas à Diretoria do Ensino Agrícola do Estado de São Paulo, mas eram mantidas com verbas da Secretaria da Educação. No início, o perfil dos nossos alunos era de crianças de 7 ou 8 anos que iam para cursar o antigo primário junto com as aulas do campo. Essa característica de aulas no campo, agrícola, vai nortear todos os nossos cursos durante a nossa trajetória. Sempre nós tivemos cursos relacionados ao campo em nossa Etec, por conta da Fazenda Escola. A partir de 1968, a escola foi transformada em Colégio Técnico Agrícola de Mirassol. Então, as salas do ginásio, que até então estavam funcionando, começaram a ser supridas. Logo, já em 1972, foram instaladas as primeiras séries do Colégio Técnico.

MLMC: Deixa-me fazer uma interrupção. A Matheus ela foi criada, em 1973, e inaugurada em 1975. Mas, anteriormente, existia uma outra escola em Mirassol, a Artesanal.

SMOOS: Não.

MLMC: Porque você está falando do período de 1960.

SMOOS: Não. É, 1963. Foi a Escola de Iniciação Agrícola.

SMOOS: A Escola Artesanal também aconteceu aqui no município de Mirassol, mas ela funcionou na Escola Estadual Genaro da Marco, onde eu me aposentei.

MLMC: E depois fechou. E depois funcionou em outra escola.

SMOOS: Isso. Continuaram alguns cursos, como de Mecânica, até mais ou menos 1992, 1993. Quando eu retornei aqui para Mirassol, tinha cursos na Escola Estadual Genaro Domarco.

MLMC: Mas elas não vieram para a Paula Souza.

SMOOS: Não.

MLMC: Ela não veio.

SMOOS: Não.

MLMC: Só veio a Matheus.

SMOOS: Sim. Somente a professor Matheus, desde abril.

MLMC: Obrigada.

SMOOS: De nada.

SMOOS: Então, o Colégio Técnico começou a funcionar em 1968, também subordinado à Diretoria de Ensino Agrícola, sendo mantido pela Secretaria da Educação. E o Colégio passa a Escola Estadual de Segundo Grau de Mirassol em 1976. Por quê? Essa Diretoria de Ensino Agrícola se extinguiu e passa a pertencer à Secretaria da Educação. Então, a partir de 1976, Escola Estadual de Segundo Grau Professor Mateus Leite de Abreu, não, de Mirassol. Em 1979, aí sim, ela é patronada, em homenagem ao professor, que chega aqui na cidade, em 1938. Então, ela passa a se chamar Escola Estadual de Segundo Grau Professor Mateus Leite de Abreu. Em 1985, ela passa a se chamar Escola Técnica Agrícola Estadual de Segundo Grau Professor Mateus Leite de Abreu.

SMOOS: Em 1991, essas escolas passam a pertencer à Secretaria da Ciência e Tecnologia, e a nossa escola passa a se chamar Escola Técnica Estadual Professor Mateus Leite de Abreu, como está até os dias atuais. E em 1994, ela vai para o Centro Paula Souza, que é também subordinada a essa Secretaria da Ciência e Tecnologia. Bom, voltando, fiz uma breve linha do tempo da história, da trajetória da nossa escola.

SMOOS: Em 2014, a pedido do diretor, o professor Paulo Antônio Sacchi, eu começo a desenvolver o primeiro projeto de HAE, que fazia um recorte temporal sobre a Escola de Iniciação Agrícola e o Colégio Técnico. Então, eu fiz um recorte temporal de 1965 até 1975. Para compor esse estudo, eu fiz uma busca no arquivo permanente da escola, em livros. Eu pesquisei os jornais no museu aqui, de Jesualdo de Oliveira, que tem bastante informações sobre esses períodos. E fiz uma entrevista de história oral com o nosso primeiro diretor, o professor Antônio Ferdinando Francisco Possebon. Ele foi nosso diretor por mais de 23 anos em nossa instituição. Essa entrevista serviu para enriquecer muito esse projeto realizado em 2014 e, também outros que vieram nos anos seguintes.

MLMC: Queria te fazer uma pergunta: - Então, nesses objetos que temos no Centro de Memória, tem objetos que são do período da Escola Artesanal? Veio algum material para vocês?

SMOOS: Temos. Da Escola de Iniciação Agrícola, temos.

MLMC: Por isso que o seu artigo consta com os grupos desde a origem, não é?

SMOOS: Isso, temos. Interessante isso. Nós temos um extrator de grampos que era utilizado para fazer a cerca da nossa escola nesse período. Nós temos a enxó, que eles debastavam a madeira para poder fazer essa cerca ou construir o aviário, como foi realizado.

MLMC: É muito interessante isso, porque até hoje nós temos o pessoal do Palácio da área social. São eles que participam dessa transferência de material, de licitação entre uma escola e outra. Que é como a história da Etec Philadelpho, as escolas transferindo, fazendo escambo com os objetos. Obrigada.

SMOOS: Vou comentar um pouco mais do próximo projeto de 2015. Por meio desse projeto, foi possível perceber o corpo docente, o corpo discente, os primeiros funcionários, os primeiros professores, as precárias instalações que funcionaram no começo, como que era a horta, como que era o convívio com os alunos, porque eles ficavam na escola no regime de internato. Foi possível perceber bastante aspectos desse período. Em 2015, a escola estava completando os 50 anos da inauguração. Aí, nós resolvemos fazer a criação do nosso centro de memória. O projeto desenvolvido foi estudo dos objetos científicos e tecnológicos do curso Técnico em Agropecuária. Contou com a ajuda de funcionários, de alunos, de professores. Nós fizemos um concurso entre os alunos: - adote um objeto da ciência e tecnologia para

compor o estudo de algum desses objetos. Conseguimos 119 artefatos na época, entre livros, troféus, fotografias, equipamentos, utensílios. Esse grupo de alunos eles pesquisaram uma parte da história de alguns desses objetos. Foi muito importante. A primeira instalação onde funcionou o nosso centro de memória era uma das primeiras salas de aula construídas lá em 1965. Era uma sala que estava com o arquivo permanente da escola. Era uma sala ampla. Nós resolvemos retirar o material junto com a comunidade. E nós transferimos o arquivo permanente para um outro local. E ali nós fizemos a adequação do espaço para colocar. Fizemos uma curadoria para poder dispor esses objetos no espaço que nós tínhamos na época.

MLMC: Eu queria só fazer uma interrupção. Ao ouvi-la, eu fico comparando com o nosso projeto desse ano. Infelizmente, nós estamos longe por causa da pandemia. Teríamos discutido muito mais presencialmente. Trocando ideias entre nós. Porque embora essa tecnologia seja interessante, mas ela reduz a participação das pessoas. É um ou outro que fala e o tempo é muito curto.

SMOOS: O tempo é curto.

MLMC: Pessoalmente, nós temos o cafezinho, temos o almoço. Então, a gente acaba conversando muito mais. Trocando ideias para o nosso trabalho. E, também, agora, as aulas da pós-graduação já começaram agora no início de agosto. E eu, como sou novata na pós-graduação, estou agindo como se fosse um aluno da pós. Estou lendo todo o material do curso. E até depois, talvez, até passe para vocês isso para um clube de memória. Porque eu estou lendo um documento da Unesco. Ontem, até passei o dia todo lendo esse documento. Ele fala que dá dificuldade, que uma legislação, uma política de educação, ela tem que ser discutida com a comunidade para ser implantada. Porque senão ela não dá certo. E daí eu lembrei dos nossos estudos esse ano que foram as políticas educacionais no regime militar. E agora, eu acho que dá para fazer um projeto no futuro das escolas de explorar mesmo esse período. Porque, você veja, eles tentaram implantar a educação profissional para toda a educação. E não deu certo. Teve que mudar a legislação de 60 para 70, de 70 para 80. E agora, pelas entrevistas, pela riqueza das entrevistas, você vai vendo as dificuldades, porque veio a lei, as pessoas foram se virando para implantar. E a gente só conseguiu quando houve mudanças. Porque quando as escolas vieram para Paula Souza, vieram com muitas dificuldades. Muito interessante, obrigada.

SMOOS: Durante a entrevista com o Sr. Possebon, essa entrevista de 2014, ele fala bem isso. Que a escola, a nossa escola, ela teve muitas transformações na parte física mesmo, por conta de prefeitos aqui da época, que abraçaram mesmo a causa. E eles conseguiram, junto com um pouco da verba, da educação, mas eles conseguiram construir, por exemplo, as outras salas de aula, que era uma coisa que eles estavam precisando demais. Eles estavam utilizando no começo o refeitório como sala de aula. Então, a partir de 1976, por exemplo, eles fazem já a inauguração dessas duas salas de aula, eles fazem a inauguração do aviário, e toda essa verba que eles conseguiram foi por conta da política aqui do município. O prefeito Leopoldo Gotardi, junto com Elias Tomé, que ajudaram a ajudar na estrutura física da escola. Importante. Então, em 2015, nós fizemos esse estudo dos objetos científicos e tecnológicos. Os alunos ficaram assim muito empolgados: - olha, tem essa ferramenta, para que servia essa ferramenta? Eles mesmos começaram a perguntar para os professores. Nós começamos a elaborar o estudo de parte desses objetos nesse período.

SMOOS: Em 2016, eu volto a falar um pouco sobre a trajetória da nossa escola. Eu faço um outro recorte temporal de 1976 a 1985, quando a escola passa a pertencer à Secretaria da Educação. Foi possível também observar, por meio do relato da história oral do senhor Possebon, muitos aspectos do período, o alojamento, a cooperativa, como que eles trabalhavam no campo, o corpo docente, a grade curricular. Eu pesquisei em livros, livro ponto da época, que estão todos no arquivo permanente. Eu procurei livros aqui da cidade. Tinha, na realidade, um historiador aqui em Mirassol, o senhor Ariovaldo Corrêa, e ele fez um trabalho de história muito importante nesse período, fala sobre a nossa escola, como era o funcionamento. Então, foi uma fonte de pesquisa muito importante para fazer esse projeto de HAE. Para a composição do nosso acervo, em 2017 e 2018, eu desenvolvi dois projetos. Nós começamos a fazer o inventário desses objetos.

SMOOS: O nosso acervo já tinha 130 artefatos. Conforme os anos foram passando, fomos vendo outros objetos que estavam ali na Fazenda Escola para fazer a composição do nosso acervo. No ano de 2017, fiz o trabalho para registro no Livro Tombo dos Objetos do Centro de Memória. Eu escrevi o número do objeto, o nome do objeto, o nome vulgar, o ano de fabricação. Logo depois, nós tiramos as fotos dos objetos. Eu sempre tive muito apoio de três, quatro alunos durante todo esse período, trabalhando com a história de memória e pesquisa. Eles me auxiliaram bastante para tirar a fotografia. Esse catálogo montado foi diversificado em áreas. Nós temos um catálogo da Agricultura, um catálogo da Pecuária, um catálogo até da parte de Educação Física, por conta da balança antropométrica que nós temos lá, bem antiga. E, logo depois de fazer esse catálogo, nós elaboramos o fundo, o Fundo Etec, esse

fundo, tem o grupo, principal, com as denominações que a escola recebeu durante toda a sua trajetória, o subgrupo, os cursos oferecidos durante também a sua trajetória, e as séries diversificadas em biblioteca, em laboratórios, entre outros. Para o ano de 2017, nós fizemos o registro de 22 objetos. Para o ano de 2018, nós fizemos 26 objetos, nós contamos a história, e fizemos de cada um deles, as fichas de registro. Em 2018, eu fiz a primeira entrevista de história oral com o professor Paulo Antônio Sacchi, nesse período nós apresentamos na jornada, o artigo sobre o teodolito ótico-mecânico como instrumento da topografia, no curso Técnico em Agropecuária.

SMOOS: Em 2019, eu desenvolvi o projeto “Arquitetura escolar e a história das instalações agrícolas”, do curso Técnico em Agropecuária. Esse projeto também, eu fiquei, assim, muito feliz, não que eu não tenha ficado com os outros, mas, assim, por ter encontrado as plantas baixas da escola, as entrevistas de história oral que eu fiz com o Osmar Scrivante, professor Osmar Escrivante, o diretor, o professor Itamar e o Paulo Sacchi, novamente. O professor Paulo Sacchi, enriqueceu bastante esse projeto, porque tanto o Osmar como o Paulo Sacchi, eles estão há muito tempo na nossa instituição. Então, eles conseguiram identificar as instalações agrícolas, por onde passaram os projetos, a história das instalações, da pocilga, do curral, por exemplo, a disposição das hortas, das culturas e a história dos prédios, construídos durante o longo da história. E, também, em 2019, o nosso centro de memória, ele ganha novas instalações, nós fomos para um ambiente maior, com duas salas, que, antigamente, esse ambiente, ele foi construído para abrigar as meninas. Era um alojamento feminino, aí, logo depois, o alojamento feminino, ele foi desativado e, ali, funcionou, por muito tempo, a biblioteca da nossa escola e, aí, a biblioteca, ela precisou, assim, passar para um ambiente próximo às salas de aula e, aí, surgiu a ideia de pegar o acervo do centro de memória, né, que estava naquela sala, né, e passar para essas novas instalações.

SMOOS: Isso, daí, foi sempre discutido em reuniões de conselho, junto com a equipe de gestão, professores e, no dia 6 de junho, nós inauguramos. No dia 6 de junho de 2019 e, junto, com o conselho e com a comunidade, nós decidimos patronar, o nosso centro de memória em homenagem ao nosso primeiro diretor, o professor Antônio Ferdinando Francisco Possebon. Foi um evento muito importante para a nossa escola, muitas autoridades estavam presentes, representantes de deputados, o prefeito, alguns vereadores, a família inteira do professor Possebon estava presente, foi um evento, assim, que deixou a gente muito, muito satisfeito.

SMOOS: Esse ano de 2020, eu estou continuando a catalogar, “catalogar não”, aliás, é escrever a história dos objetos, que compõe o nosso acervo, que atualmente, ele já está com 150 artefatos. Então, eu estou fazendo um trabalho de pesquisa sobre esses 36 objetos, e é importante falar também que nosso centro de memória, ele também tem um acervo de 80 espécies do banco de sementes crioulas. Esse projeto é um projeto do centro de memória, ele está sendo desenvolvido desde 2018 com o professor e pesquisador, o professor Paulo Antônio Sacchi, e está, sim, nós estamos, fizemos, aliás, o processo de catalogação dessas sementes e agora estamos terminando o artigo para apresentar, que vai falar sobre a história dessas sementes que fizeram parte, da nossa história, desde a inauguração até os dias atuais. Dessas 80 sementes, 60 foram cultivadas, na nossa trajetória.

MLMC: Setenta?

SMOOS: Sessenta. 20 estão fazendo parte do acervo, mas por conta da pandemia, o Paulo está, está totalmente preservada, bonitinho, certinho, mas ele não conseguiu ainda fazer a produção, ele está pegando, assim, aos poucos e está fazendo lá no sítio onde ele mora.

MLMC: Então, eu queria até te fazer uma pergunta: - quantos metros quadrados tem as novas instalações do centro de memória? Mais ou menos.

SMOOS: Mária Lucia, eu acho que tem, eu acho que uns 80.

MLMC: Então, é mais ou menos do tamanho do Centro de Memória lá da Paula Souza, sala 11.

SMOOS: É, é a disposição um pouco diferente, mas é mais ou menos o mesmo espaço, porque há dois alojamentos femininos, eram dois quartos.

MLMC: Então, eu acho que o seu centro de memória é o único centro de memória que nós temos história natural.

SMOOS: Sim.

MLMC: Então, por isso até que eu falei se daria para deixar um espaço até ser separado para a história natural e depois para os artefatos, né?

SMOOS: Sim.

MLMC: Até porque a semente pode dar algum probleminha, né, de cada instalação, que tem que estar, tem que ter um cuidado diferenciado, né?

SMOOS: Sim.

MLMC: Porque eu já estou pensando num projeto para você e o Paulo. Por causa dessa entrevista, eu consegui enxergar uma parceria aí entre você e o Paulo Sacchi, que eu não vou falar agora, mas eu vou falar mais para frente. Porque agora a gente tem um monte de coisa, aí que nós estamos fazendo. Mas para dar continuidade, para o projeto do ano que vem, que envolve a sua área, que é a sua especialidade e que envolve a especialidade dele, entendeu? Enquanto pesquisador, e daí dá para vocês fazerem um produto conjunto que vai ficar bem interessante.

SMOOS: Ah, que bom, que bom!

MLMC: E essa ideia eu tirei dessa dissertação que eu vou participar agora dia 28, lá de São Carlos, da Federal de São Carlos, e que é professora de Artes.

SMOOS: Olha, interessante!

MLMC: Mas como eu não posso passar nada agora, depois que defender a dissertação, eu passo.

SMOOS: Ah sim, pode passar! Então, mas o acervo das sementes, como que nós resolvemos? Nós fizemos um painel, né? E nesse painel é tipo a amostra deles. Então, é um painel de madeira que tem algumas ampolas grandes, né? E tem todas as sementes, mas ali é para demonstração. Quem visita o centro de memória sabe que aquelas sementes ali, todas identificadas, sabem que tem o acervo das sementes crioulas e suas variedades. E do lado, nós colocamos a geladeira. Aí sim, elas estão todas conservadas, todas com etiqueta, com o nome, tudo certinho, bonitinho, dentro da geladeira.

MLMC: Então, como o Paulo Sacchi está cultivando no sítio dele, diga a ele para ele ir fotografando, porque já vai servir para o projeto do ano que vem.

SMOOS: Ele está fotografando, ele já está fotografando, ele manda para mim.

MLMC: Ah, ótimo! Porque depois, quando vocês estiverem escrevendo, eu vou palpitando e vai construindo esse trabalho, aí vai dar um e-book.

SMOOS: Sim, sim, eu não esqueci o e-book, não. Eu já, eu estou mais ou menos assim com ele esquematizado, de como que ele vai ficar. Vai ficar bom, se Deus quiser.

MLMC: Mas essa outra ideia que eu vou dar para vocês também, então vai dar outro e-book.

SMOOS: Ah, que legal! Porque vai envolver artes e vai envolver o agrônomo. Ah, que bom!

MLMC: Por isso que eu falei, é bom que ele vá fotografando, que vão sair vários trabalhos daí.

SMOOS: Ah, que bom! Fico feliz, Maria Lucia. Fico feliz mesmo.

MLMC: Pode continuar com a sua ideia, porque essa é uma adicional. (risos)

SMOOS: Está bom! Está bom!

MLMC: Agora eu queria te perguntar, aproveitar: - o que, assim, você está, então, como você mesmo disse, você está conosco desde 2012, no grupo? O que é muito bom? Porque a gente tem um grupo coeso. Tem muita gente que vem, assim, vem, participa, ouve, mas felizmente a gente tem um grupo coeso, que está sempre junto.

SMOOS: Sim, estamos juntas.

MLMC: É, estamos sempre, mesmo a distância, estamos juntos. Sim. E eu queria, assim, como é que você, por exemplo, teve dificuldades com relação ao museu virtual? O que você acha dele? Você acha que vai contribuir depois para a gente difundir para as outras pessoas, né? Porque daí os alunos também vão ter acesso, né?

SMOOS: No início, assim, eu tive algumas dificuldades, né? Mas era mais com relação a mexer na ferramenta, mas depois eu não tive dificuldade nenhuma. Eu já sabia, prestava atenção onde certinho tinha que inserir a história, o número do objeto, a data, não tive

dificuldades para inserir as informações. Só essa observação, né? Que poderia colocar um artigo, alguma coisa assim, na história do objeto, né?

MLMC: Isso que vai dar problema, então. Porque nós estamos fazendo o piloto para depois escrever. Naquele catálogo que eu fiz do Centro de Memória da Carlos de Campos, de uma Sala de Reserva Técnica, eu descrevi para chegar no inventário, porque era difícil o pessoal registrar. Eu vejo assim que você seguiu à risca o processo todo, né? Então, fica muito mais fácil.

SMOOS: Sim, as orientações que vocês passaram, elas foram, assim, precisas.

MLMC: Então, agora nós precisamos fazer isso com o Museu Virtual. Porque você vem fazendo, basta ir olhando seus artigos, né? Aqueles grupos, os nomes dessas escolas, né?

SMOOS: Sim.

MLMC: Porque nós sabemos, como nós vamos coletando os documentos nas entrevistas, nos arquivos pessoais, né? Tanto que agora eu fico pensando assim, a gente tem que separar coleções do fundo, né? Porque tem objetos que foram embora, mas eles voltaram, mas eles eram da escola. E tem material que é do professor. Então, daí ele vem como arquivo pessoal e vai entrar em coleção. Então, eu estou já pensando assim, como é que eu vou tentar escrever de forma sucinta, mas definir. Provavelmente, utilizando aquele dicionário de arquivística que nós já discutimos da professora Ana Maria Camargo, né? E não ficar inventando a roda. Então, utilizando esse material, mas de uma forma simplificada para facilitar. Agora, esse piloto é importante porque a gente vai vendo as dificuldades. Dificuldade que você tem, necessidade que você tem, se dá para pôr, se não dá para pôr, né? E daí, é por isso que eu te convidei, né? Porque eu vi que você vinha fazendo um trabalho semelhante ao que eu fiz na Carlos de Campos, né? Então, fica mais fácil a gente dialogar. E agora, a Júlia está fazendo, né? E, também as entrevistas de história oral. Se não fossem elas, eu não conseguia descobrir nada também.

SMOOS: Sim, muito importantes. As quatro realizadas, na realidade, cinco, porque o Paulo (Paulo Antônio Sacchi) fez duas, mas enriqueceram muito a historiografia do período, contribuiu muito para a história do objeto, para a ficha de registro do objeto. Se não fosse, eu acho que não seria tão enriquecida essa parte.

MLMC: Uma coisa que eu estou fazendo, é que muita coisa não está aqui comigo, estão lá na Cetec. Mas, assim, todos aqueles documentos que vocês me mandaram de ata de reunião e tal, aqueles documentos, eles vão entrar como sigilosos, mas eles vão ficar arquivados. Eu estou colocando agora, você pode ver que eu estou pondo lá termo de cessão, carta de cessão, porque eu fico muito preocupada, uma hora a gente vai se aposentar também, né? Queira ou não? Que ninguém é eterno. Então, de deixar esses documentos para quem vem, para saber que nós colocamos no site e tudo, mas o Centro Paula Souza tem autorização para fazer isso. Então, eu estou começando a colocar, não coloquei mais porque elas não estão aqui, estão no meu HD. No meu não, no HD da instituição, está na minha gaveta lá, ou está no computador, mas também está no HD. E a gente nem se dá conta, eu achei até que era fácil de eu ter acesso, eu falei, assim, uma coisa ou outra, até eu tenho mais acesso àquelas que eu entrevistei, que é o que eu estou colocando, porque daí as pessoas me mandaram por e-mail. O original vai ficar no Centro de Memória de Origem, né? Mas a gente tem, pela Paula Souza, o documento digital para mostrar que tem esse trabalho.

SMOOS: Eu acho fundamental, como você comentou no início ali, sobre o Museu Virtual, para que os alunos tenham acesso, não é?

MLMC: Você vê, só deles terem acesso àquele álbum fotográfico (referindo-se ao Álbum Fotográfico do projeto de Historiografia de 2002). Eu já fui em Feira Tecnológica da Paula Souza, que a pessoa não sabia que eu era do projeto e tal: - mas onde é que você teve acesso a esse livro? De onde surgiu a ideia? No site da Paula Souza. Então, você, assim, ainda mais agora, que nós vamos começar a trabalhar de forma híbrida, práticas híbridas, mas ainda que a gente tem que trabalhar nesse Museu Virtual. Por isso que eu falei: - eu vou aproveitar agora, que eu estou em casa trabalhando, e a Júlia também precisa, né? Estou trabalhando nisso também, né?

SMOOS: É uma coisa, assim, que acontece, né? Quando nós estávamos na escola, os alunos, eles ficavam, assim, curiosos, né? Ai, professora, deixa a gente ver o museu? Eles falam museu. Aí eu falo, centro de memória. Ai, então: - vamos lá. Aí eles ficam vendo: - olha esse teodolito, para que que servia? Eu falo assim: - vocês vão estudar no terceiro ano ainda, né? Então, eles vão se identificando com os objetos, com as fotografias.

MLMC: Então, para o ano que vem, nós também vamos trabalhar bastante com a questão da gestão, porque eu acho, assim, a partir desse piloto do Museu Virtual, vai dar para a gente discutir, por quê? Para poder colocar no ar o Museu Virtual, vamos ter que fazer um plano

museológico, né? Como eu fiz o pós-doc em museologia e patrimônio, na maior cara de pau, eu e a Júlia vamos fazer, né? Vou pedir auxílio para quem é especialista, é óbvio, né? Mas nós vamos fazer para colocar no site e, também começar a pensar, ao fazer o plano museológico, os regulamentos, para começar a ter regulamento em cada centro de memória. Porque assim nós vamos fechando isso, não é? Assim, quem entrar sabe que teve, que você inaugurou, que passou pelo conselho. A gente deixar essa documentação organizada, porque assim é uma forma de a gente manter perene o nosso trabalho, né? Que nós já pegamos, porque esse projeto tem 22 anos, né? Se não fosse o professor Almério ou a Júlia Falivene, nós não teríamos o nosso grupo aí, agora já com quase 12 anos, né?

SMOOS: Sim.

MLMC: Mas assim, nós tivemos essa herança para dar continuidade? E depois de todo esse tempo trabalhando, nós queremos também que outros que venham e deem continuidade ao nosso trabalho?

SMOOS: Sim, valorizem, né?

MLMC: E que é importante, que nem você falou: - os alunos observarem, verem a evolução tecnológica, onde houve avanço, onde houve retrocesso, porque não é só avanço, né? Mas, isso é que ajuda a pensar e a refletir tudo isso.

SMOOS: E fico muito feliz pela entrevista, viu? Se eu puder estar contando um pouquinho da minha vida. E da minha carreira profissional e do meu trabalho.

MLMC: Olha, Sueli, eu é que agradeço você ter concedido essa entrevista para nós. Eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, hoje, que é dia 14 de agosto de 2020. Eu vou transcrever essa entrevista, vou encaminhar para você, e depois, nós vamos publicá-la no nosso site de memória. Vou enviar os termos de autorização.

SMOOS: Tudo bem.

MLMC: Foi muito bom, eu vou encaminhar depois a gravação também para você.

SMOOS: Tá bom, Maria Lucia, eu agradeço muito, muito a oportunidade dessa entrevista, viu.

MLMC: Vou interromper agora a gravação um momento.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Docentes em centros de memória
Curador
Centro de Memória
Etec Professor Matheus Leite de Abreu
Sueli Mara Oliani Oliveira Silva
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Paulo Antonio Sacchi
Jurema Rodrigues
Almério Melquíades de Araújo
Júlia Falivene Alves
Feira Tecnológica
Historiografia
Unidade de Ensino Médio e Técnico
GEPEMHEP
Pandemia do Covid 19
Escola Artesanal
Colégio Técnico
Escola de Iniciação Agrícola
Técnico em Agropecuária
Museu virtual
Plano museológico
Ficha de registro de objeto
Banco de sementes crioulas
História natural

Dados Biográficos da Entrevistada



Sueli Mara Oliani Oliveira Silva. Licenciada em Educação Artística (PUC-Campinas, 1989). Licenciada em Pedagogia (Uniupe, 2009). Atualização “Programa Gestão Escolar e Tecnologias” (PUC-SP, 2009). Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Artes “Lato Sensu” (Barão de Mauá, 2013). Professora da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1990 a 2018). Professora de Artes da Etec Professor Matheus Leite de Abreu (1994 a 1996, 1998 a 2020) e da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (1999 a 2020). Coordenadora do Ensino Médio e Pedagógica na Etec Professor Matheus Leite de Abreu (2004 a 2012). Participa do GEPEMHEP, desenvolvendo estudos e pesquisas sobre a memória e história da educação profissional e tecnológica (2012 a 2021). Curadora do Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon (2015 a 2021). Artigo publicado: “Metalografia: base conceitual de Colpaert como referência teórica e prática no curso de Mecânica” (2015). Trabalhos apresentados no Centro Paula Souza, São Paulo: “Resgatando a História do Philadelpho – Escola Artesanal” (2012); “Estudo dos objetos científicos e tecnológicos do curso técnico em Agropecuária do acervo do Centro de Memória da Etec Professor Matheus Leite de Abreu no período de 1970 a 2015” (2016); “O teodolito ótico mecânico como ferramenta da topografia no curso Técnico em Agropecuária de 1970 a 2014” (2017), “Narrativa sobre a historiografia e as práticas de registro de artefatos no Centro de Memória da Etec Professor Matheus Leite de Abreu” (2018) e “Arquitetura escolar e a história das instalações agrícolas da Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu de 1965 a 2019” (2019).

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiten, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola

Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Termo de uso de Imagem de Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Sueli Mara Oliani Oliveira Silva